

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA

FERNANDA MAGALHÃES SANTOS MARINHO

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE ESTÁDIO DO
ESPELHO EM LACAN: DOS PRIMEIROS TEXTOS ÀS
REFERÊNCIAS ESTRUTURALISTAS**

SANTOS, 2011.

Fernanda Magalhães Santos Marinho

Considerações sobre o conceito de estágio do espelho em Lacan: dos primeiros
textos às referências estruturalistas

Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia desenvolvido para a obtenção do
grau de Psicólogo na Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada
Santista

Santos, 2011

Marinho, Fernanda Magalhães Santos

Considerações sobre o conceito de estágio do espelho em Lacan :
dos primeiros textos às referências estruturalistas / Fernanda
Magalhães Santos Marinho. – Santos, 2011
36 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de São Paulo - UNIFESP - Campus Baixada Santista, 2011

Curso: Psicologia

Orientador: Professora Doutora Lara Cristina D'Avila Lourenço.

1. estágio do espelho. 2. Lacan. I. Professora Doutora Lara Cristina
D'Avila Lourenço II. Considerações sobre o conceito de estágio do
espelho em Lacan. III. Unifesp - Campus Baixada Santista.

CDD 150

Ficha catalográfica - Biblioteca - UNIFESP, Campus Baixada Santista.

Professora Doutora Lara Cristina D'Avila Lourenço

Orientadora

Professor Doutor Sidnei José Casetto

Parecerista

Santos, 23 de novembro de 2011

DEDICATÓRIA MUITO IMPORTANTE

A meu avô José Alves Marinho, que sonhava com a minha graduação...

AGRADECIMENTOS POSSÍVEIS

A minha mãe Eliana e meu pai José Augusto, meus maiores exemplos, pelos quais palavras não conseguem traduzir o amor e a gratidão que sinto.

A todos os meus familiares pelo apoio incondicional.

As minhas “quase irmãs” de graduação Pâmela Trindade e Crislaine Oliveira, que dividiram comigo não só a mesma casa, mas também os melhores momentos e os mais sinceros sentimentos.

As queridas amigas Carolina Cruz, Fernanda Ramiro, Bianca Luna, Rayssa Nassif, Dulce Galvão Bueno e Natasha Lima que sempre me motivaram e deram forças nos momentos mais difíceis.

As minhas grandes amigas de infância Aline Fuga, Lívia Jungstedt e Bruna Barbosa por estarem presentes em todas as horas e pelas críticas que possibilitaram meu crescimento e fortalecimento pessoal.

A Professora Doutora Lara Cristina D’Avila Lourenço pela enorme oportunidade e acolhimento em um momento problemático, meus mais sinceros agradecimentos pela excelente orientação e grande dedicação.

A Professora Doutora Karina Zihlmann que sempre se fez presente e disponível para ajudar.

A todos os professores e funcionários da Universidade Federal de São Paulo e outros profissionais que me guiaram na minha formação.

Muito obrigada a todos os que acreditaram nesse momento.

Resumo

Buscando descrever a constituição psíquica, a teoria de Jacques Lacan faz a distinção entre “eu” e “sujeito”. Ao elaborar as teses sobre a formação do “eu”, esse autor realiza uma importante revisão da teoria freudiana sobre o narcisismo, bem como apresenta um conceito central em seus escritos: o conceito de estágio do espelho, segundo o qual o “eu” se forma a partir de identificação privilegiada com a imagem especular. Tal conceito é alvo de diversas reformulações no decorrer da obra lacaniana, especialmente quando ela adota as teses estruturalistas. Ao adotar tais teses, Lacan não nega o papel das imagens formadoras do psiquismo, mas passa a afirmar que as imagens são dispostas e formadas segundo as leis da organização simbólica. É nesse período que o autor interpreta o complexo de Édipo em três tempos, cuja sequência lógica coincidiria com a constituição subjetiva. É ao propor sua teoria do complexo de Édipo, que Lacan consegue de fato distinguir o “eu” do “sujeito”: em termos gerais, no primeiro tempo desse complexo, haveria a formação do “eu”; e no terceiro tempo, a formação do “sujeito”.

O objetivo deste trabalho é analisar, por meio de revisão bibliográfica, o conceito de estágio de espelho, na obra de Lacan, no período que compreende suas primeiras formulações sobre o assunto, até a adoção das referências estruturalistas, as quais trazem contribuições importantes para o mesmo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I: Início das referências ao estágio do espelho: o ‘complexo de intrusão’ e a formação do eu	14
CAPÍTULO II: As primeiras referências estruturalistas	24
CAPÍTULO III: Os três tempos do Édipo: Lacan estruturalista	28
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

INTRODUÇÃO

Em sua Tese de Doutorado, Lacan (1932/1987) intenta elaborar uma teoria sobre a constituição psíquica, que se mantenha livre dos pressupostos organicistas da psiquiatria da época, bem como das idéias abstratas da psicologia. Para tanto, serve-de de fontes diversas, tais como: a antropologia social; a filosofia de Hegel (apresentada conforme Alexandre Kojève); a chamada psicologia científica (conforme proposta por George Politzer); a biologia de Bolk (especificamente o conceito de neotonia); a etologia (no que se refere ao papel das imagens como desencadeadoras do comportamento animal).

A antropologia social de Lévi-Bruhl oferece a Lacan as teses sobre a concepção do “eu”. Segundo essa antropologia, o eu é uma representação da individualidade (e não um correlato psíquico do corpo biológico) que é atravessada por determinantes sociais. O desenvolvimento do indivíduo teria início com um eu primitivo, indiferente das instâncias sociais que o cercam, para evoluir para um sujeito constituído por representações próprias, ser individual (D’AVILA LOURENÇO, 2000, p. 45).

O papel das representações sociais, na formação do “eu”, recebe ainda outra explicação, baseada no conceito de neotonia. De acordo com esse conceito, de Louis Bolk, o ser humano nasce com características de um feto. Ou seja, essa espécie se caracteriza por um nascimento prematuro. São efeitos dessa prematuração, fantasias e sensações de despedaçamento do corpo. A unidade do corpo só é alcançada mediante a identificação com a imagem do semelhante (imagem especular), fornecida pelo meio social (D’AVILA LOURENÇO, 2000).

Lacan (1936/2003) entende que a família é o meio social que fornece as imagens (denominadas *imagos*), com as quais o indivíduo se identifica num processo em que

sedimenta sua personalidade. O processo de formação do indivíduo aconteceria na seqüência de três identificações fundamentais, denominadas complexos. Nota-se que com o termo complexo, nesse momento de sua obra, Lacan não se refere à definição freudiana e tampouco à estrutura simbólica (que definirá o complexo de Édipo na tomada estruturalista). Complexo, aqui, significa a posição e a interpretação do indivíduo na trama das imagens que determinam seu comportamento. Tal posição e interpretação não são conscientes para o indivíduo. E é justamente esse o caráter de “inconsciente” nesse momento do pensamento lacaniano.

Outro esclarecimento: as identificações com tais imagens não acontece em virtude de uma condição libidinal (como Freud afirmara), mas como tentativa de suturar a sensação de desamparo, experimentada de diversas formas, conforme o ponto do desenvolvimento do indivíduo (nota-se que, nesse período de sua teoria, Lacan considera o tempo cronológico; o que será consideravelmente relativizado quando adotar os pressupostos estruturalistas).

Tais identificações, e as angústias que lhe são subjacentes, são representadas fundamentalmente em três complexos: complexo do desmame; complexo de intrusão; e complexo de Édipo (LACAN, 2003).

O complexo do desmame, segundo Lacan, refere-se não apenas ao fim da amamentação (que no ser humano é regulado por fatores culturais), mas também faz referência a separação da vida intra-uterina, um nascimento prematuro que torna a criança dependente do cuidado materno. Ainda assim, Lacan afirma que o nascimento não pode ser considerado um trauma psíquico; esse significado só é atribuído após uma nova separação: a do seio materno. Constitui-se nesse período uma forma primordial da imago materna (LACAN, 2003). Fica destacada a maneira com que o imaginário procura amenizar o sofrimento causado pelo aspecto orgânico do corpo (D’AVILA LOURENÇO, 2000).

Sobre esse complexo, Lacan (2003) entende que a imago materna, que a princípio busca amenizar o sentimento de desamparo experimentado no desmame, não é suficiente para o indivíduo solucionar os sentimentos decorrentes da carência orgânica resultante da neotonia.

Ainda sobre a vivência caótica de corpo, resultante do nascimento prematuro, Lacan continua suas formulações sobre o desenvolvimento psíquico falando sobre o complexo de intrusão, o qual discute sobre a experiência da criança na relação entre irmãos, preferencialmente de idade muito próxima. Nos primeiros meses de vida, quando ainda não existe para a criança a percepção de um corpo próprio, ela se identifica com a imagem de seu semelhante, confundindo-se entre seus irmãos nos papéis na relação familiar (LACAN, 2003). O ciúme observado entre irmãos é definido por Lacan como uma identificação mental, e não como rivalidade: o irmão fornece um modelo para o indivíduo se identificar, já que a criança encontra na imagem de seu semelhante à imagem de um corpo unificado (LACAN, 2003). Mas, enquanto num primeiro momento o semelhante é ponto de apoio (ao fornecer a imago para identificação) num segundo momento ele é sentido como intrusão e, portanto, alvo de rivalidade (porquanto o “eu” ou o “outro” é quem deve prevalecer).

Com o complexo de intrusão, Lacan começa a definir sua teoria sobre a formação do “eu”: essa instância psíquica forma-se na identificação com a imagem do “outro”. Ou seja, “eu” e “outro” formam-se num mesmo processo. E assim começa a tese, reiterada ao longo de toda a obra do autor, de que o “eu é um outro”.

Lacan retoma posteriormente suas formulações sobre a formação do “eu” em “O estágio do espelho como formador da função do eu” (LACAN, 1949/1998). Em 1949, Lacan refere-se aos experimentos de H. Wallon, baseados nas situações em que a criança reconhece sua imagem especular, para formalizar o conceito de estágio do espelho. O processo de

identificação com a imagem especular ocorreria com o bebê entre seis e dezoito meses de idade.

E, para explicar o modo como as imagens determinam o comportamento humano, o autor aborda teses da etologia. Assim, parte da comparação do aspecto comportamental de animais, como o filhote de chimpanzé que, quando comparado com o bebê humano, possui maior inteligência instrumental, mas não se reconhece no espelho. Ele utiliza também exemplos de mimetismo que ocorre entre alguns animais, nos quais a visão influencia na relação com o meio em que vivem, chegando inclusive a desencadear modificações corporais, por exemplo, a maturação da gônada na pomba que só ocorre completamente após a visualização de um membro de sua espécie. No ser humano, ocorrem modificações no psiquismo.

O corpo do recém nascido configura o corpo fragmentado, no qual esta falta de coordenação, oriunda da falta de maturação neurológica, propicia a vivência de um corpo despedaçado. Mesmo mergulhado nesta insuficiência motora, o bebê sustenta sua postura ereta diante do espelho e fixa a imagem refletida. A assunção da própria imagem é vivida com júbilo pela criança; contudo, a imagem de um corpo total leva o indivíduo, retroativamente, à sensação do corpo fragmentado. E aqui está a grande diferença em relação ao chamado complexo de intrusão: nele havia a perspectiva diacrônica do tempo (o sentimento de desamparo causado pela incoordenação motora levava à identificação com a imagem de corpo total); agora, em 1949, a perspectiva temporal é sincrônica (a identificação com o corpo total leva ao sentimento do corpo fragmentado).

Essa mudança na perspectiva temporal é resultado do contato com as teses estruturalistas. Conforme a adesão a eles se aprofundar, Lacan abandonará efetivamente a

perspectiva cronológica do tempo, vindo a afirmar que os três tempos do complexo de Édipo acontecem numa sequência lógica.

Lacan (1949) define o estágio do espelho como uma identificação da criança com aquela imagem no espelho que foi fixada, que é a *imago* e primeira identificação, uma matriz simbólica na qual o eu se precipita, da insuficiência de seu corpo fragmentado para se agarrar a uma identidade alienante.

É um período marcado pela presença de uma dialética conflituosa entre o corpo fragmentado que o bebê sente, em contraste com a imagem de completude que ele vê no espelho. O bebê se identifica com essa imagem de um ser completo, imagem esta que antecipa o que este gostaria de ser, o eu ideal, marca do que essa teoria denomina “narcisismo primário”.

É importante ressaltar também que a imagem especular permite que a criança se reconheça como pertencente à espécie humana, mas não é capaz de situar o indivíduo em relação ao seu sexo correspondente, para que isso ocorra se faz necessário que esta imagem seja contemplada pela ordem do simbólico. Em outros termos, faz-se necessário que o eu ideal seja situado pelo ideal do eu, marca do chamado narcisismo secundário, e que é formado através do complexo de Édipo (conforme o texto sobre “os complexos familiares” [LACAN, 1936/2003] já afirmara).

Na época do texto “*O estágio do espelho*” (LACAN, 1949/1998) o registro do simbólico tem uma fonte imaginária (D’AVILA LOURENÇO, 2000). Conforme a adesão às teses estruturalistas for se afirmando, Lacan enfatizará a noção de cultura como estrutura anterior ao indivíduo (tal como a antropologia e lingüística estruturais declaram). E, assim, o simbólico será considerado anterior e, de certa maneira, determinante da rede imaginária. Ou seja, a trama das imagens segue os lugares estabelecidos pelo simbólico (cultura).

O complexo de Édipo é visto como a organização mítica da cultura. Mítica justamente em virtude do pensamento de C. Lévi-Strauss, especificamente de seu método de análise dos mitos, segundo o qual o complexo de Édipo (e a lei contra o incesto que lhe é inerente) é a organização elementar da cultura.

O seminário sobre “A relação de objeto” (LACAN, 1995), é a formalização da noção lacaniana do complexo de Édipo, a partir da influência do estruturalismo de Lévi-Strauss (formalização que tem seu acabamento no seminário seguinte, “As formações do inconsciente” [LACAN, 1999]). Aqui o Édipo é visto numa seqüência de três tempos, não cronológicos.

Na descrição desses tempos, o “falo” torna-se um conceito central. E, o que interessa a esta pesquisa, é salientar que a identificação da criança à imagem fálica coincide com a identificação à imagem especular e narcisismo primário (descritos no conceito de estágio do espelho). Isso na medida em que o falo (imaginário) produz a ilusão de perfeição e completude.

No primeiro tempo do Édipo o menino quer ser o objeto de desejo da mãe, por isso ele se converte naquilo que a mãe deseja. A partir da mãe que simboliza o falo, o menino acredita ser o falo, um objeto imaginário. Ele se identifica com o desejo da mãe e toma este como se fosse seu para conseguir o amor dela; a mãe, por sua vez, reconhece sua castração e encontra no menino o falo que a completa (mãe fálica). Os dois juntos formam uma unidade que permite sustentar a ilusão de ambos (BLEICHMAR, 1984).

A mãe ocupa também o lugar do Outro, fonte da linguagem e cultura, à medida que o menino se apropria desta a partir do que lê no rosto da mãe; a mãe satisfaz, põe nome e constrói suas necessidades (BLEICHMAR, 1984). Baseando-se na idéia de que o eu se

constrói primariamente a partir de outra pessoa, ele se torna dessa forma uma construção alienante do seu verdadeiro eu.

No Édipo em Lacan ao longo da descrição dos três tempos, o falo “circula” entre os personagens. No primeiro tempo, o menino é o falo e a mãe o possui, se tornando a mãe fálica; no segundo tempo, mãe deixa de ter o falo e filho deixa de sê-lo, mas o pai torna-se o falo; já no terceiro tempo, ninguém é o falo, este fica apenas inserido na cultura como algo que se pode ter (BLEICHMAR, 1984). Cita-se aqui também a metáfora paterna como responsável pela identificação do indivíduo ao seu tipo ideal de sexo e constituição do sujeito (D’AVILA LOURENÇO, 2000).

Em resumo, o que é importante ressaltar é que em dado momento de sua teoria, Lacan atribuía o processo de formação da imago a um momento mais específico do desenvolvimento do indivíduo, como orientada em um espaço cronológico como reação de causa e efeito, e ele passa a explicar esse processo como resultado de uma série de fatores estruturantes que contribuem para formação do sujeito (D’AVILA LOURENÇO, 2000).

CAPÍTULO I:

INÍCIO DAS REFERÊNCIAS AO ESTÁDIO DO ESPELHO: O ‘COMPLEXO DE INTRUSÃO’ E A FORMAÇÃO DO EU

Em sua busca por elaborar teorias sobre a constituição do eu e considerando que este se forma através de identificações, Lacan busca contextualizar o principal meio no qual elas acontecem: o drama familiar. Em sua publicação sobre os complexos familiares, Lacan (1936/2003) define que a família é, a princípio,

um grupo natural de indivíduos unidos por uma dupla relação biológica: a geração, que fornece os componentes do grupo; as condições do meio, postuladas pelo desenvolvimento dos jovens e que mantêm o grupo, desde que os adultos geradores assegurem sua função (LACAN, 2003, p. 29).

Lacan utiliza-se de uma série de colocações que tem um peso muito forte ao longo de toda sua obra, entre eles, o conceito de neotonia do anatomista Louis Bolk, que propõe que o ser humano nasce prematuramente, com características de um feto e desenvolvimento incompleto; desta forma, essa condição nos torna, no início da vida, dependentes do cuidado de outros (D’AVILA LOURENÇO, 2000).

O autor considera como vital o papel da família e afirma que é possível observar alguns comportamentos instintivos e de caráter biológico da família humana, por exemplo, a amamentação, porém, em alguns casos, a família biológica pode ser substituída por outro grupo de adultos, por exemplo, no caso da adoção; ou mesmo o final da amamentação, que no ser humano, é regulado por fatores culturais (LACAN, 1936/2003). O nascimento prematuro, que caracteriza a espécie humana, promove a dependência dos demais seres humanos, de forma que o homem não possui livre acesso ao mundo natural. Em resumo, Lacan não nega a importância dos fatores biológicos, mas afirma que o que predomina são os aspectos culturais (D’AVILA LOURENÇO, 2000).

A importância do meio externo na constituição do sujeito (lembrando que nesse momento da teoria, Lacan não faz uma distinção entre eu e sujeito, essa distinção será feita mais adiante, nas publicações sobre o terceiro tempo do Édipo) é um pressuposto muito forte em toda a teoria lacaniana, sendo que o autor recorre também à antropologia de Lévi-Bruhl e suas contribuições evolucionistas a respeito da formação de um eu primitivo, indiferente do grupo social em que vive, para depois se tornar um eu constituído por representações da individualidade, representações estas que são atravessadas por determinantes sociais, e não apenas resultantes do corpo biológico (D'AVILA LOURENÇO, 2000).

O ser humano vive inserido nas relações sociais e possui uma capacidade singular de comunicação, que permite que se constitua uma cultura entre seus membros, cujo papel essencial da família seria “ensinar” os códigos seguidos pelos demais, como a transmissão da cultura, tradições e língua e repressão dos instintos (LACAN, 1936/2003).

Em seu texto sobre os complexos familiares Lacan (1936/2003) faz uma série de elucubrações a respeito do surgimento da estrutura familiar, ressaltando que as teorias citadas não podem ser confirmadas por nenhum fato conhecido, apesar de podermos observar algumas características da família, como a autoridade (seja patriarcal, matriarcal ou qualquer outra figura de referência), os laços biológicos, as relações de parentesco, entre outros. Lacan define a família como uma estrutura complexa, refere que só o que se pode afirmar é que desde o início das relações humanas existe uma série de proibições e leis que as regem, que não são passíveis de observação.

Por fim, conclui que a família é uma instituição, cujos conteúdos transmitidos entre as gerações estabelecem uma continuidade psíquica (de ordem mental) que ultrapassa os limites da consciência; portanto, é no âmbito social que se deve compreender a família humana (LACAN, 1936/2003).

Desta forma, o meio social desempenha papel fundamental no desenvolvimento do eu, pois como veremos adiante, os membros da família serão importantes modelos de identificação para a criança: essas imagens, denominadas “imagos”, buscarão suprir a condição de desamparo provenientes da insuficiência orgânica causada pelo nascimento prematuro (D’AVILA LOURENÇO, 2000).

É nessa relação da antropologia com instituições, que Lacan vai construir sua teoria do imaginário e discorrer sobre o papel das imagens na constituição do sujeito (SIMANKE, 2002). As identificações constituem o imaginário, cujo conceito se assemelha ao de Umwelt de Jakob von Uexkül: cada organismo filtra o mundo externo de uma forma peculiar, ou seja, estabelece relações e percepções características e subjetivas (D’AVILA LOURENÇO, 2000).

É no artigo “Os complexos familiares na formação do indivíduo” que Lacan faz a descrição do conceito de complexo, atrelado à dinâmica de identificações da rede imaginária, reproduzindo certa realidade do ambiente (LACAN, 1936/2003, p. 33). Essas identificações acontecem com imagens privilegiadas, as quais o autor denomina imagos. A imago não é uma representação inconsciente, no sentido utilizado por Freud, mas sim uma posição subjetiva que o sujeito assume de acordo com as interpretações de seu meio social (D’AVILA LOURENÇO, 2000). O termo “inconsciente” estaria, então, no fato de que o indivíduo não tem consciência de seu papel na estrutura familiar, por conta dos mecanismos sociais e da instituição familiar, que não são conscientes (D’AVILA LOURENÇO, 2000).

Já que as relações que permeiam as identificações do sujeito são, de certa forma, “desconhecidas”, vemos então os primeiros indícios de que a formação das imagos é alienante, assim como toda a rede imaginária na qual o homem se insere (D’AVILA LOURENÇO, 2000). A constituição do indivíduo ocorre através de três complexos e suas

conseqüentes redes de identificações: complexo do desmame, complexo de intrusão e complexo de Édipo (LACAN, 1936/2003).

A seguir, faremos uma breve descrição destes, de acordo com o texto “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, visto que alguns conceitos sofrerão reformulações ulteriormente com a influência do estruturalismo na obra de Lacan.

Complexo do desmame.

É o mais primitivo dos complexos, fixa no psiquismo uma forma primordial da imago materna. Apesar da função biológica presente com a lactação, ainda assim diferencia-se do instinto pelo fato de que, no ser humano, o fim da amamentação é regulado por fatores culturais (D’AVILA LOURENÇO, 2000).

Já que existe uma interrupção da relação biológica, o desmame pode ser considerado um trauma psíquico; o final da amamentação, mais do que a separação do seio materno, retoma o mal estar sofrido com a adaptação insuficiente a ruptura da vida intra-uterina (LACAN, 1936/2003).

Segundo Lacan (1936), é impossível fazer do nascimento um trauma psíquico, porém o desmame (no sentido da ablactação) confere significado a um desmame mais antigo, que é separação da matriz intra-uterina, um mal estar que nenhum cuidado materno é capaz de suprir. A partir de então, na teoria lacaniana, o funcionamento imaginário busca preencher essa insuficiência orgânica (D’AVILA LOURENÇO, 2000).

Essa ruptura da relação biológica, a qual Lacan define como uma tensão vital que “resolve-se numa intenção mental” (LACAN, 1936/2003, p. 37), sendo assim, o desmame pode ser aceito ou recusado. Não se trata de uma escolha, já que não existe um eu para

afirmá-la, o importante é que a recusa do desmame (considerada como uma resolução positiva do complexo) busca restabelecer a imago da relação da amamentação, sendo que a imago materna será de certa forma, presente em toda a vida do homem (LACAN, 1936/2003).

A imago materna, que antes buscava mascarar o mal estar decorrente do nascimento prematuro, torna-se fator de morte se não for sublimada, e isto é necessário para que se construam novas relações com o grupo social (LACAN, 1936/2003).

O complexo do desmame só é liquidado quando ocorre um novo desmame, ou seja, quando o sujeito abandona a dependência familiar. Podemos notar nesse momento da teoria a influência hegeliana sobre o desejo do homem de ser reconhecido fora do grupo familiar (D'AVILA LOURENÇO, 2000).

Complexo de intrusão.

É um complexo de papel decisivo, uma vez que busca apreender a constituição subjetiva e o início imaginário da sociabilidade; embora ainda insuficiente para destacar o “eu” do “sujeito” (D'AVILA LOURENÇO, 2000). Descreve o sujeito (“eu”) primitivo na situação de ciúme fraterno, afirmando que este é produto de uma identificação mental, e não de uma rivalidade vital (LACAN, 1936/2003).

Como condição para a identificação nesse complexo, é necessário que haja pouca diferença de idade entre as crianças, por conta da rápida maneira que ocorrem as transformações corporais na infância, garantindo assim uma semelhança entre elas. É possível observar então uma espécie de comunicação bastante peculiar, especialmente comportamentos que denotam rivalidade entre os indivíduos nessa faixa etária (LACAN, 1936/2003).

Em um primeiro momento, o indivíduo semelhante é visto como um modelo de identificação, uma tentativa imaginária de superar o caos gerado pela falta de motricidade (acarretada pelo nascimento prematuro) que propicia a vivência de um corpo fragmentado (D'AVILA LOURENÇO, 2000). “A imago do outro parece estar ligada à estrutura do corpo próprio” (LACAN, 1936/2003, p. 44), ou seja, ao mesmo tempo em que a criança se identifica com o outro, ela confunde-se com ele. Nesse sentido, podemos notar a relação ambígua que se estabelece, ao mesmo tempo coexiste rivalidade e conformidade (LACAN, 1936/2003).

Segundo Lacan, a imagem do corpo total ocorrerá no que ele chama de “estádio do espelho”, sendo que este momento é o desfecho do desamparo ocasionado pelo complexo do desmame (D'AVILA LOURENÇO, 2000). É necessário lembrar que o conceito de “estádio do espelho” é reformulado em 1949 com o texto “O estágio do espelho como formador da função do eu”, cujo conteúdo exploraremos ulteriormente.

A imagem do corpo intacto é atribuída intuitivamente pela criança, sendo que esta possui dupla função: a imagem especular como reflexo da forma humana, estrutura componente da identidade; e o valor afetivo e ilusório que ela tem de suprir o mal estar vital (LACAN, 1936/2003).

É um estágio marcado pela discordância entre a realidade que causa o sentimento do corpo despedaçado e o ideal da imagem especular, no qual o indivíduo busca superar a fragmentação do corpo vivido. Segundo Lacan, isto pode ser observado pela psicanálise nas fantasias de desmembramento do corpo, incluindo a castração (LACAN, 1936/2003).

Nesse momento, Lacan faz sua formulação sobre a teoria do narcisismo, que, para ele, é a maneira com que uma insuficiência orgânica é preenchida por um conteúdo imaginário: a imagem do corpo completo (D'AVILA LOURENÇO, 2000). O universo desse momento é

essencialmente narcísico, o sujeito almeja a reflexão especular e a ilusão da imagem; um mundo que não contém o outro (LACAN, 1936/2003).

Enquanto em um primeiro instante o irmão fornecia componentes necessários para a constituição da imagem própria, um mecanismo de identificação alienante que embaralhava a diferenciação do outro, posteriormente este passa a ser visto como “intruso”, numa relação de disputa e rivalidade, uma busca de ver qual deles prevalece (LACAN, 1936/2003). Surge então a necessidade de se diferenciar do outro, porém com o destacamento da imagem do semelhante o indivíduo retoma o desamparo vivenciado no complexo do desmame; esse momento em que o sujeito reproduz e supera o mal estar é chamado por Lacan de masoquismo primário (D’AVILA LOURENÇO, 2000).

O desfecho desse complexo só é possível porque a situação do ciúme fraterno exige obrigatoriamente a existência de uma relação triangular, ou seja, um terceiro objeto passa a ser considerado pelo sujeito. Duas possibilidades se fazem presentes: ou o sujeito se volta para o objeto materno, rejeita o real e busca a destruição do outro; ou ele passa a conceber o outro como objeto comunicável (LACAN, 1936/2003).

Sendo assim, o complexo de intrusão além de ser o grande responsável pela formação da sociabilidade, culmina também na formação do eu narcísico, do outro e do objeto (D’AVILA LOURENÇO, 2000).

Lacan critica a concepção de uma relação de objeto, pois considerando que o objeto humano não é natural, podemos dizer que o desejo só existe na situação social. Para Lacan, o que importa não é o objeto em si, mas o valor atribuído ao objeto e o fato de que este é o desejo do outro, na situação de rivalidade; para que o desejo exista, é necessária a existência do rival. Desta forma, temos um prenúncio do que ocorrerá no complexo de Édipo, pois a

mãe, que é objeto de desejo do pai, passa a ser desejada pela criança. O pai será então, o rival da vez (D'AVILA LOURENÇO, 2000).

Para finalizar nossas considerações sobre o complexo de intrusão se faz importante ressaltar dois aspectos deste momento da teoria lacaniana: em primeiro lugar, o simbolismo do objeto não é equivalente ao conceito de símbolo que Lacan se refere quando reformula sua teoria influenciado pelas idéias estruturalistas; por fim, a ressalva de que, até então, na teoria, estes acontecimentos pareciam seguir uma ordem cronológica no desenvolvimento da criança; posteriormente, ao falar dos três tempos do Édipo é que Lacan afirma que estes acontecimentos ocorrem seguindo uma ordem lógica (D'AVILA LOURENÇO, 2000).

Complexo de Édipo.

Na descrição dos complexos familiares, Lacan afirma que o complexo de Édipo é relevante na explicação das relações psíquicas na família humana, de forma que é realizada uma análise da estrutura mental e dos fatores sociais, sem desconsiderar o aspecto biológico do complexo. O autor também critica as elaborações freudianas sobre o Édipo, pois ele entende que Freud considera apenas o aspecto dinâmico deste, sem se preocupar com a estrutura. É necessário mencionar que nesse momento da obra, Lacan não utiliza o termo “estrutura” do ponto de vista estruturalista; isso só será feito nas publicações posteriores, especificamente a partir de “O mito individual do neurótico” (D'AVILA LOURENÇO, 2000).

O complexo de Édipo atua através de uma relação triangular conflituosa. Para Lacan, a fantasia edípica é determinada pelas relações sociais, de modo que a criança se fixa através do desejo sexual a um objeto de seu convívio, geralmente, o progenitor do sexo oposto. O autor também afirma que o nó do complexo é atado com a frustração dessas pulsões, resultante das imposições sociais que proíbem a satisfação dessa pulsão (D'AVILA LOURENÇO, 2000).

A criança relaciona essa frustração com o terceiro objeto da situação triangular, no caso, o progenitor do mesmo sexo, sendo que esse é visto como um obstáculo para a satisfação da pulsão, adquirindo dessa forma um papel duplo: além de agente que proíbe o desejo sexual, serve também de exemplo de sua transgressão (LACAN, 1936/2003).

Dessa forma, Lacan atribui outra interpretação à fantasia de castração: como já citado no complexo de intrusão, ela é um exemplo das fantasias de desmembramento do corpo (causadas pela insuficiência orgânica ao nascer). A castração relaciona-se então com a falta de noção do corpo próprio e antes de qualquer ameaça do adulto, independentemente do sexo do sujeito (já que é uma representação da perda de uma parte do corpo, e não de uma diferença anatômica relacionada ao gênero) e é mais determinante do que as imposições educacionais. No complexo de Édipo, com a ameaça da castração, a criança revive a angústia experimentada anteriormente com o corpo fragmentado; sendo assim, no primeiro tempo do Édipo, ela representa uma defesa narcísica que busca evitar o desamparo já propiciado anteriormente (LACAN, 1936/2003). A partir de então a fantasia da castração (que aparecera no complexo anterior) é reatualizada, o que resultará na inibição do desejo, através do recalque da tendência sexual, que vai permanecer latente até a puberdade. Isto marca papel do supereu, que é a instância psíquica responsável pela repressão da sexualidade (LACAN, 1936/2003).

Outra instância que se constitui nesse contexto é o ideal do eu através das identificações apresentadas na vida do sujeito, já que a sublimação da imagem parental inscreve na consciência um ideal representativo (LACAN, 1936/2003)

Para justificar a afirmação de que o desejo só ocorre no meio social, Lacan recorre a conceitos hegelianos, especialmente a dialética do Senhor e do Escravo, a qual descreve a luta entre dois adversários, que buscam ser reconhecidos um pelo outro. Se eles levarem a luta até

a morte, o vencedor não pode ser reconhecido pelo seu adversário, pois este está morto. A saída então é que um dos lutadores deve recuar e reconhecer o outro, como seu Senhor, mas isso significa abrir mão de “ser reconhecido”. Ainda assim, como o Senhor não reconhece seu Escravo por ser seu servo, ele não adquire a condição de sujeito; o Escravo, por sua vez, não se identifica com a posição que ocupa, portanto seu desejo é o de ultrapassar essa condição através de seu trabalho; esse desejo mantém o Escravo trabalhando para o Senhor, enquanto a satisfação desse desejo é sempre adiada. Dessa forma, os personagens do Édipo (pai e filho) estão colocados em uma relação hierárquica, na qual o filho está submetido às imposições do pai, assim como o Escravo é submisso ao Senhor, que é representado pelo pai (D’AVILA LOURENÇO, 2000).

O indivíduo se identifica com o pai, buscando fugir da angústia da castração; é a segunda identificação na vida da criança, sendo que a primeira ocorre no estágio do espelho. O sujeito abandona a relação de agressividade que existia no narcisismo primário e inaugura o desenvolvimento do ideal do eu. Surge então um narcisismo secundário, marcado pela relação de reconhecimento de si e do outro (D’AVILA LOURENÇO, 2000).

Com o narcisismo secundário, o supereu e o ideal do eu, conclui-se a crise edípica (LACAN, 1936/2003).

CAPÍTULO II:

AS PRIMEIRAS REFERÊNCIAS ESTRUTURALISTAS

Em 1949, Lacan retoma o conceito de “estádio do espelho” com sua publicação intitulada “O estágio do espelho como formador da função do eu”; segundo Simanke (2002), este artigo é resultado de uma elaboração muito anterior à publicação do mesmo; este conceito já havia aparecido no artigo “Os complexos familiares” em 1938, atrelado a formulação da agressividade como algo intrínseco do ser humano. Porém, este conceito sofre uma reformulação, devido ao momento em que Lacan começa a enxergar um aspecto problemático na teoria do imaginário, que discorreremos a seguir.

Nesse texto, Lacan (1949/1998) parte de um aspecto comportamental observado na comparação entre o bebê humano e um filhote de chimpanzé: o bebê, apesar de ser superado pela capacidade instrumental do segundo, é capaz de reconhecer sua imagem no espelho. O autor serve-se também dos experimentos de H. Wallon, cuja observação da criança diante do espelho demonstra que esta se diverte com a própria imagem. Ainda neste momento da teoria, Lacan atribui um período cronológico específico para este acontecimento, que ocorreria entre seis e dezoito meses de idade (LACAN, 1949/1998).

A experiência diante do espelho, no homem, diferente do animal, possui um papel constitutivo sobre a gênese do indivíduo (SIMANKE, 2002). Segundo Lacan, o estágio de espelho pode ser compreendido como uma identificação da criança com a imagem especular; o sujeito se transforma após visualizar sua imagem no espelho, uma vez que ele assume essa imagem, que é denominada *imago*. A função da *imago* é estabelecer uma relação entre o organismo e a realidade na qual está inserido e, segundo as colocações do próprio autor, essa *imago* e primeira identificação constituem uma matriz simbólica na qual o eu se precipita, da

insuficiência de um corpo fragmentado para se agarrar a uma identidade alienante (LACAN, 1949/1998).

Nosso autor recorre a conceitos da etologia e mimetismo, citando animais nos quais a visão influencia na relação com o meio externo, podendo até promover modificações corporais, por exemplo, a maturação da gônada na pomba que só ocorre completamente após esta avistar um membro de sua espécie; faz a analogia que no ser humano a Gestalt também é capaz de promover modificações, porém estas ocorreriam no psiquismo (LACAN, 1949/1998).

Recorrendo a Simanke (2002),

De resto, a apresentação do estágio do espelho em 1938 já mostra as características básicas que reaparecerão sistematicamente nas exposições posteriores: a reação jubilatória à descoberta da imagem do corpo próprio no espelho, a sua função compensatória da prematuração, os efeitos imaginários que daí decorrem, a natureza essencialmente narcísica e alienante do eu (p. 313)

Como já fundamentamos anteriormente, Lacan compreende como prematuro o nascimento do ser humano, cuja capacidade neurológica ainda não se desenvolveu por completo e isso, conseqüentemente, acarreta uma insuficiência motora; essa configuração é chamada pelo autor de corpo fragmentado. A criança brinca com a imagem que o espelho reflete, e mesmo sem possuir controle total de sua postura, o bebê sustenta-se em uma posição e fixa um aspecto instantâneo da imagem especular. Segundo Lacan, este seria um momento de intenso júbilo para o bebê, mas ao mesmo tempo, existe uma lacuna entre a imagem vista do corpo total e o sentimento de mal estar causado pelo nascimento prematuro. É a imagem especular que leva a criança a sensação de corpo fragmentado (LACAN, 1949/1998).

Nesse aspecto reside a grande diferença do conceito apresentado em 1938: enquanto nesse primeiro momento havia uma relação de causa e efeito, com a idéia de que a vivência do corpo despedaçado é que levava o indivíduo a se identificar com a imagem do corpo total

em uma tentativa de superar esse desamparo (perspectiva temporal diacrônica), a partir de 1949, isto é reconsiderado, existe uma mudança da perspectiva temporal (que agora é sincrônica) e o autor passa a afirmar que é a identificação com a imagem do corpo completo que propicia o sentimento de corpo fragmentado (D'AVILA LOURENÇO, 2000). A partir de então é que surgem as fantasias da imagem despedaçada, que aparece nos sonhos e delírios (LACAN, 1949/1998).

Essa mudança na perspectiva temporal marca o início das referências às idéias estruturalistas. Quando Lacan finalmente adere ao método estruturalista com seu artigo “O mito individual do neurótico” ele abandona definitivamente a perspectiva cronológica do tempo e afirma que os três tempos do Édipo ocorrem numa sequência lógica (D'AVILA LOURENÇO, 2000).

A forma proveniente da identificação com a imagem especular é designada aqui por Lacan como eu ideal, imagem esta que antecipa o que o bebê gostaria de ser e constitui o narcisismo primário. Podemos observar aqui o caráter alienante marcante deste estágio, pois a identificação com a imagem especular situa o eu antes de sua determinação social, mas ao mesmo tempo o aliena de si (LACAN, 1949/1998).

Outro aspecto da assimilação imaginária da imagem especular é que ela permite que a criança se reconheça como membro da espécie humana, mas não consegue fazer o indivíduo se situar como homem ou mulher; esse posicionamento só ocorre através da organização simbólica. Dito de outra maneira: é necessário que o eu ideal (que é a origem das identificações secundárias) seja situado pelo ideal do eu, que só será formado através do complexo de Édipo. É interessante destacar também que Lacan faz pela primeira vez em sua obra menção à linguagem (D'AVILA LOURENÇO, 2000).

Lacan menciona neste artigo que o conhecimento é estruturado de forma semelhante à paranóia, já que é atribuída realidade as imagens que constituem o mundo da criança de forma semelhante à crença paranóica no delírio: o homem atribui realidade à imagem do espelho e isso ocasiona efeitos em sua constituição (LACAN, 1949/1998).

Através da identificação com a imagem especular e o drama do ciúme (trabalhado em “Os complexos familiares”), o momento em que se conclui o estágio do espelho inicia a conexão do eu com situações socialmente elaboradas. O ciúme instaura a presença de um concorrente na busca de satisfazer o desejo do outro, já um prenúncio da rivalidade que contextualiza a situação edipiana (LACAN, 1949/1998).

Ao publicar o artigo em 1949, Lacan ainda atribuía uma fonte imaginária para o registro do simbólico e os dramas pessoais possuíam uma dinâmica exclusivamente imaginária. Isso começa a ser revisto porque, segundo a perspectiva hegeliana adotada até então, através da luta das consciências o sujeito poderia obter a consciência de si, e conseqüentemente o estado de Sujeito Absoluto. Ora, se uma das premissas presentes na obra lacaniana defende a teoria de que o sujeito é primordialmente alienado, é necessário outro referencial teórico para embasar sua tese sobre a constituição do sujeito (D’AVILA LOURENÇO, 2000).

Além disso, a teoria do imaginário estabelece uma paridade entre sujeito e objeto; isso contradiz as idéias hegelianas de que o processo de hominização é marcado por crises dialéticas, e a dialética, por sua vez, é caracterizada pela oposição de idéias; principalmente no estágio do espelho, que é um período acentuadamente marcado pela presença de uma dialética conflituosa entre o corpo fragmentado que o bebê sente, em contraste com a imagem de completude que ele vê no espelho. Sendo assim, começam as referências ao registro simbólico (D’AVILA LOURENÇO, 2000).

CAPÍTULO III:

OS TRÊS TEMPOS DO ÉDIPO: LACAN ESTRUTURALISTA

Antes de iniciar nossas considerações sobre o indivíduo, nos três tempos do Édipo, se faz necessário discorrer sobre os conceitos de falo e significante.

O conceito de “significante” usado por Lacan é derivado do conceito lingüístico: este atribui um nome ou uma qualidade para algo; pode ser algo que é orgânico (a palavra fome é utilizada para se referir à necessidade orgânica do alimento), o nome que denomina um sujeito (ao utilizar o nome, estamos nos referindo a alguém, mas utilizamos uma palavra para evocar essa pessoa). Sendo assim, o significante na teoria lacaniana aparece no lugar de algo que é ausente; ao propor um significante cria-se a ilusão de que não falta nada. No exemplo da palavra fome: ao dizer “tenho fome”, é mascarada a falta do alimento; a falta então, do ponto de vista subjetivo, se transforma ilusoriamente em presença (BLEICHMAR, 1984).

O conceito de falo em Lacan é derivado do que é utilizado por Freud; quando Lacan afirma que “o falo é o significante da falta”, temos a proposição de que o falo se inscreve no lugar da falta (BLEICHMAR, 1984, p. 20). É necessário diferenciar também o falo imaginário do falo simbólico; o falo imaginário é aquele com o qual o menino se identifica, tampona sua falta e lhe confere a ilusão de completude, assim como a imago do espelho. Já o falo simbólico é referente ao valor atribuído, no caso, que a mãe outorga ao filho (BLEICHMAR, 1984). Uma vez mencionados esses conceitos centrais para a teoria, vamos à descrição dos três tempos do Édipo.

No primeiro tempo do Édipo, é descrita a situação do menino junto à mãe. Segundo Lacan, o menino lê a satisfação de suas necessidades no rosto da mãe: é ela quem nomeia suas

necessidades: frio, fome, sono; não só nomeia as necessidades, mas também as constrói. A mãe também surge nessa fase como o Outro: a origem do código (linguagem). (BLEICHMAR, 1984). Desde o início, a mãe aparece para a criança ligada ao objeto de satisfação; por isso, a criança vê-se obrigada a fazer algo que convoque a mãe para perto dela. É a partir de então que Lacan insere a noção de falo (D'AVILA LOURENÇO, 2000).

Nesse momento, temos uma mãe que se sente carente, incompleta e castrada; uma mãe “desejante”. Vejamos: para convocar a mãe, o menino busca se tornar o objeto do desejo desta; isso significa converter-se naquilo que a mãe deseja e tomar o desejo da mãe como se fosse o próprio. O menino então se identifica com esse objeto imaginário, o falo; a mãe, por sua vez, simboliza seu desejo no filho (“o falo é o significante do desejo” [BLEICHMAR, 1984, p. 20], atribuindo-lhe características. (BLEICHMAR, 1984).

O filho procura ocupar a posição do falo que a mãe sente (imaginariamente) a falta, se identificando (de forma alienante) com a imagem fálica que ele supõe ser o objeto de desejo materno (D'AVILA LOURENÇO, 2000). Dessa forma, ela encobre sua falta ao adquirir o falo que a completa, caracterizando o que Lacan chama de mãe fálica. O menino, por sua vez, se identifica com a imagem do corpo completo, uma perfeita imagem de completude (BLEICHMAR, 1984).

Como já discurremos no capítulo sobre o estágio do espelho, essa fase está sumariamente associada à dialética presente entre o que a criança vê no espelho (que atribui a imagem do corpo completo), oposta à sensação do corpo fragmentado; o menino se identifica com a imagem especular totalizante; na visão dele, ele é a imagem; está, portanto, caracterizado como eu ideal, a perfeição, nada lhe falta e ele ocupa o lugar de preferência aos olhos do outro. No caso, quando o menino se identifica com o falo (imagem do corpo completo) ele busca ocupar um lugar de preferência e destaque aos olhos da mãe. Segundo

Lacan, no seminário sobre as relações de objeto, isso propõe ao menino as concepções de completo e incompleto, já que existe o contraste entre a imagem que se vê e a sensação do corpo despedaçado (BLEICHMAR, 1984).

O estágio do espelho situa, então, o falo como objeto imaginário com o qual o menino se identifica para satisfazer o desejo da mãe e se enriquece com a forma corporal; a imagem totalizante (do corpo perfeito, completo) que contrasta com a imagem do corpo despedaçado é o que a teoria caracteriza como imagem fálica (BLEICHMAR, 1984).

Nesse momento do texto, o que era descrito no estágio do espelho como imagem especular, a imago do corpo completo e que traz a sensação de completude, a partir de então é chamada de imagem fálica. Lacan afirma então que o falo é capaz de acabar com o mal estar decorrente do nascimento prematuro; ou seja, mesmo com a adesão aos referenciais estruturalistas nosso autor não abandona conceitos utilizados no começo da teoria, no caso, o conceito de neotonia. O falo apresentado aqui possui estreita relação com o conceito de corpo total: uma vez que a apresentação do espelho para a criança é comandada pela voz do outro (devemos chamar a atenção aqui para o fato de que isso não aparece nas descrições de 1949), é no primeiro tempo do Édipo que a imagem do espelho é inserida no contexto simbólico. Nesse sentido, Lacan amarra o que antes era puramente biológico e imaginário com o registro simbólico (D'AVILA LOURENÇO, 2000).

Fica evidente a interdependência existente entre mãe e filho na relação edípica: não se trata de uma relação entre duas pessoas, mediada por causa e efeito, provida apenas pelo aspecto biológico de dependência vital; estamos falando de uma relação narcisista, na qual um possibilita a ilusão e permanência do desejo do outro; a criança busca ocupar o lugar de preferência aos olhos da mãe (se identifica com a imagem fálica, o corpo perfeito) ao mesmo tempo em que essa mãe está ali, simbolizando seu desejo na criança (e adquirindo a ilusão de

ser a mãe fálica). Ao mesmo tempo em que a mãe constrói as necessidades do filho, ela também é constituída nesse processo. Podemos notar então o caráter de estrutura que é atribuído por Lacan ao complexo de Édipo (BLEICHMAR, 1984).

Uma vez tomado pelo significante (atribuído pela mãe) o menino se vê castrado (a castração aqui não aparece apenas como uma fantasia) de sua própria essência (D'AVILA LOURENÇO, 2000); podemos dizer que ele é castrado do conhecimento de si próprio por conta da alienação das identificações e ao assumir o papel do falo; ora, se ele assume o desejo e a expectativa do outro, um nome, ele já não é ele mesmo.

Não resta ao menino alternativa que não seja assumir essa castração. E ao assumir essa posição de símbolo, mais especificamente no terceiro tempo do Édipo, Lacan afirma que há o surgimento do sujeito propriamente dito (D'AVILA LOURENÇO, 2000).

No segundo tempo do Édipo, o pai surge como o personagem que interdita a relação incestuosa, de maneira dupla: não só privando o menino de sua mãe, o objeto de desejo, mas também afastando a mãe de seu objeto fálico; ao ser privado da mãe, o menino perde sua identificação com o falo (BLEICHMAR, 1984).

É necessário destacar aqui que a proibição incestuosa poderia ser feita por qualquer outra pessoa, mas esse papel duplo, que atinge mãe e filho, só pode ser feito pela figura que representa a função paterna. A figura paterna retoma também o sentimento de rivalidade, descrito por nós anteriormente no complexo de intrusão: o surgimento do outro como rival, na disputa para trazer para si o objeto de desejo (D'AVILA LOURENÇO, 2000).

Quando a mãe se volta para o pai, o menino conclui que o pai é o objeto de desejo de sua mãe. Mais ainda: se a mãe acata a proibição do pai, é porque ele é uma lei superior a mãe (D'AVILA LOURENÇO, 2000). Dessa forma, no segundo tempo do Édipo, aos olhos do menino, o pai é o falo (BLEICHMAR, 1984).

No terceiro tempo do Édipo, o falo passa então a ser algo que se pode ter, e não ser; o menino não está mais identificado com o eu ideal. O pai também não é mais a lei, nem o falo, ele apenas o possui. Na busca de possuir um falo, o menino se identifica com a figura do pai (metáfora paterna): forma-se o ideal do eu, cuja função, segundo Lacan, é a adequação do indivíduo ao tipo ideal de seu sexo (D'AVILA LOURENÇO, 2000).

Para concluir, o complexo de Édipo teria então uma função retroativa, na qual as formas imaginárias são incorporadas e adquirem valor através do registro simbólico; por isso os três complexos não podem ser vistos de uma forma cronológica, mas sim, de forma lógica. Podemos lembrar também que em 1949, no artigo do estádio do espelho, Lacan afirmava que o registro imaginário era a fonte de origem do simbólico; ao descrever os três tempos do Édipo, o imaginário passa a ser determinado pelo simbólico (D'AVILA LOURENÇO, 2000).

CONCLUSÃO

Procuramos descrever aqui as elaborações sucessivas do conceito de estágio do espelho, conceito central no aspecto da constituição do eu na teoria lacaniana.

Lacan confere inicialmente à família um papel vital na constituição do sujeito, na medida em que considera que o drama familiar é o espaço que possibilita as identificações necessárias para o surgimento do eu. Utiliza também o conceito de neotonia para caracterizar a dependência do indivíduo de outros, por conta do nascimento prematuro e a antropologia de Lévi-Bruhl a respeito de um eu primitivo que se constitui através de determinantes sociais. Sendo assim, nosso autor não descarta a importância do aspecto biológico, mas declara que o que prevalece são os aspectos culturais.

Lacan também concede à família a missão de transmitir os códigos sociais, como a cultura, tradição, repressão dos instintos e linguagem (embora só reconheça a importância da linguagem no final de suas proposições a respeito do estágio do espelho em 1949, e mais energicamente na descrição dos três tempos do Édipo, período já impregnado de concepções estruturalistas).

A família é considerada uma instituição e deve ser compreendida no âmbito social, já que os mecanismos sociais não são conscientes. Notamos então a distinção que Lacan elabora do conceito de inconsciente utilizado por Freud. É nesse contexto das instituições com a antropologia que Lacan constrói sua teoria do imaginário.

Inicialmente, as imagens que o indivíduo se identifica (denominadas por *imago*) funcionam como uma máscara para o desamparo proveniente do nascimento prematuro; outro aspecto relevante da *imago* é que essa identificação é alienante, assim como toda a rede

imaginária. Até a publicação de “os complexos familiares”, o processo de formação da imago era atrelado a um momento cronológico do desenvolvimento.

Lacan discorre pela primeira vez o conceito de estágio do espelho em suas considerações sobre os complexos familiares, momento ao qual ele afirma que a vivência do corpo fragmentado leva a criança ao adquirir com a imagem especular a formação da imagem de corpo total, unida ao início imaginário da sociabilidade. Apresenta também a formulação do eu narcísico (com uma reformulação da teoria freudiana do narcisismo), do outro e do objeto.

A notória diferença entre a primeira descrição do conceito e a da publicação de 1949 é que a imagem especular que leva a criança à sensação de corpo fragmentado. Nesse período, ainda existe um período cronológico específico para essa fase; porém, existe uma mudança na perspectiva temporal, que passa a ser sincrônica.

Nessa reformulação do conceito começam a surgir algumas problemáticas com a teoria do imaginário, pois até 1949, Lacan afirmava que o registro simbólico possuía uma fonte imaginária. Primeiramente, a imagem especular não é capaz de situar o indivíduo em relação ao seu tipo ideal de sexo (isto só vai ocorrer mediante a organização simbólica no terceiro tempo do Édipo). Outro aspecto é que a perspectiva hegeliana adotada até então presume que através da luta das consciências o sujeito pode adquirir a consciência de si; isso contradiz o fato de que, se a imago é alienante, o sujeito nunca terá a consciência de si. Por fim, na perspectiva hegeliana, o processo de hominização é marcado por crises dialéticas (que podemos, inclusive, observar no estágio do espelho: o conflito entre o corpo fragmentado que se sente e a imagem especular, que dá a ilusão de completude); dessa forma, é impossível parear objeto e sujeito.

A partir da descrição dos três tempos do Édipo, introdução dos conceitos de falo e significante, introduz-se a proposição de que o imaginário é organizado pelo registro simbólico. O complexo de Édipo assinala então uma função retroativa, de forma que atribui um valor simbólico ao que antes era determinado unicamente pelo registro imaginário.

É importante destacar no primeiro tempo do Édipo a maneira com que a relação de interdependência entre mãe e filho (na qual um possibilita a permanência do desejo do outro) caracteriza claramente a presença de uma estrutura. Ainda referente ao primeiro tempo do Édipo, quando a imagem especular passa a ser chamada de imagem fálica, Lacan retoma conceitos utilizados no início da obra, como o de neotonia, consolidando a congruência entre os pressupostos a que recorreu inicialmente e a adesão ao referencial estruturalista.

Lacan consolida dessa forma a afirmação de que a constituição do sujeito é resultado de uma série de fatores estruturantes e não mais amarrada a um processo cronológico.

Não é nossa pretensão aqui dizermos que discorreremos sobre toda a complexidade que envolve o conceito de estágio do espelho na obra de Lacan. Estamos falando de um conceito extremamente explorado pela literatura psicanalítica, mas ficaríamos gratificados em oferecer uma descrição sumária sobre a construção desse conceito no período que se inicia com as primeiras referências à adesão das teorias estruturalistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BLEICHMAR, Hugo. **Introdução ao estudo das perversões - Teoria do Édipo em Freud e Lacan**. Tradução de Emília de Oliveira Diehl. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

D'AVILA LOURENÇO, Lara Cristina. **O complexo de Édipo, na teoria de Jacques Lacan**. Dissertação (Tese de mestrado); 2000.

LACAN, Jacques (1932). **Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

LACAN, Jacques (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 4: A relação de objeto**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques (1936). Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: _____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 29-90.

SIMANKE, Richard. Imagens e complexos. In: _____. **Metapsicologia lacaniana: os anos de formação**. São Paulo: Discurso Editorial; Curitiba: Editora UFPR, 2002. p. 245-34.